

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)

**PERSONAGEM FEMININA E PATRIARCADO EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE
POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE**

**FEMALE CHARACTERS AND PATRIARCHY IN *NIKETCHE*: A STORY OF
POLYGAMY, BY PAULINA CHIZIANE**

Deusimara Silva de Almeida ¹
Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva ²

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma análise do romance *Niketche: uma história de poligamia* (2002) da escritora moçambicana Paulina Chiziane. O objetivo deste estudo consiste em analisar como a narrativa desenvolve a protagonista Rami, uma mulher moçambicana imersa em uma sociedade de base patriarcal e elementos culturais ancestrais. Nesse sentido, por meio de uma narrativa construída em primeira pessoa pela personagem principal, percebemos como o sistema patriarcal molda as experiências e concepções de Rami, que busca contornar os efeitos de opressão por meio de elementos de sua ancestralidade. Assim, esta pesquisa de caráter bibliográfico, destina-se à compreensão da construção de personagem a partir de Rami, de sua relação com outras mulheres que vivem em situação semelhante à sua e como elas, em associação, buscam suplantar condições opressoras da sociedade moçambicana. Como fundamentação teórica, o estudo foi baseado em autores como Chiziane (2021), Freitas (2021), Machado (2021), Rosário (2010), Secco (2021), entre outros.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; Sociedade patriarcal; Vivência; Narrativa.

ABSTRACT

This research presents an analysis of the novel *Niketche: a story of polygamy* (2002) by Mozambican writer Paulina Chiziane. The aim of this study is to analyze how the patriarchal social structure shapes the experiences and perceptions of the female character in the novel, highlighting the inequalities and aggressions faced by the female sphere in the patriarchal and polygamous context of Mozambican society. In this sense, through the experiences narrated in the first person by the main character, Rami, we see how the patriarchal system shapes the

¹ Graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: deusimaras401@gmail.com.

² Professora Doutora do curso de Letras-Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: cicera.cajazeiras@ufersa.edu.br

character's experiences and conceptions throughout the novel. Thus, in this narrative of a bibliographical nature, we see the construction of Mozambican society marked by the complexity of the nuances of deep-rooted patriarchy. As a theoretical foundation, the study was based on authors such as Chiziane (2021), Can (2020), Freitas (2021), Machado (2021), Rosário (2010), Secco (2021) and others. At the end of the research, it became clear how the social system of patriarchal and polygamous origin influences the experiences of the characters, since they are crossed by traditional rites that attack their experience.

Keywords: Chiziane; Patriarchal society; Experience; Narrative.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa realizar uma análise do romance *Niketche: uma história de poligamia*, lançado em 2002, dez anos após o fim da guerra civil que atingiu Moçambique. Dessa forma, o romance é considerado pós-colonial, sendo escrito posteriormente a sucessivos conflitos pela luta da independência do país em relação a Portugal. Nesse sentido, a narrativa é atravessada por diferentes culturas, tradições, etnias, e, principalmente, pelas memórias devastadoras deixadas pela guerra.

O romance apresenta um embate constante entre a modernidade e a tradição, o reconhecimento das mulheres que integram a história sobre o ambiente polígamo e patriarcal que estão inseridas juntamente com o confronto entre reconhecer e conseguir ultrapassar essa realidade. Em conformidade a isso, Secco (2021, p. 129) afirma que: “o enredo ficcionaliza realidades sociais que se chocam entre valores ancestrais africanos e heranças culturais trazidas pelos colonizadores portugueses brancos”. Sendo assim, Chiziane apresenta como se dá a realidade das personagens femininas, levando em consideração a diversidade cultural e as múltiplas tradições que compõem os elementos de identidade africana.

No contexto da literatura moçambicana, Paulina Chiziane emerge como escritora no período pós-independência. Nascida em 4 de junho de 1955 em Manjacaze, aldeia de Gaza ao sul de Moçambique, publica seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento*, em 1990, tornando-se a primeira mulher romancista em Moçambique. Apesar disso, Chiziane não se considera romancista e sim uma contadora de histórias. Paulina Chiziane ganha o prêmio José Craveirinha (Moçambique 2003) pelo romance aqui analisado e em 2021 foi contemplada com o Prêmio Camões.

Dentre as discussões que surgem da produção literária da autora, encontram-se questões relacionadas à existência da mulher em meio a conjunturas sociais conturbadas de uma região profundamente atingida pela violência da colonização. Isso posto, este estudo, a partir do interesse em perscrutar como a perspectiva de mulheres emerge no âmbito da produção literária de Paulina Chiziane, propõe-se analisar como o romance *Niketche: uma história de poligamia* configura a experiência das mulheres, a partir de suas personagens, em meio a estruturas sociais de fundamento patriarcal.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Paulina Chiziane na perspectiva da crítica literária

Paulina Chiziane é uma escritora do período pós-colonial que tem sua escrita perpassada por tradições e ritos de uma cultura moçambicana que fora atravessada por marcas do colonialismo europeu, como também, pelos traços de tradições africanas ainda preservados. É a primeira mulher em Moçambique a escrever um romance, destacando-se

pelo seu pioneirismo na literatura moçambicana.

Sob esse ponto de vista, percebe-se que a obra de Chiziane, de maneira geral, privilegia perspectivas e vivências de mulheres negras em meio a relações sociais de base patriarcal. Desse modo, Paulina Chiziane escreve, como menciona Freitas (2014, p. 99): “(...) um texto em prosa que põe em interseção literatura e sociedade com tanta maestria estética e ideológica que as possibilidades de intervenção se tornam cada vez mais instigantes quando estamos em contato com sua obra”.

Em entrevista ao pesquisador Patrick Chabal, Chiziane expõe aspectos que delineiam sua obra:

Falei com mulheres, mas também conheço histórias já seculares. Esse problema da mulher se arrasta há muito tempo. As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre os seus problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para a mulher. (Chabal, 1994, p. 298, *apud* Freitas, 2014, p. 100).

Ao propor a miscelânea de vozes femininas que ecoam das “histórias seculares” com a fala de mulheres de sua própria convivência, a escrita literária de Chiziane assume natureza de protesto, uma vez que: “trabalhar na narrativa a condição da mulher, assim como faz Paulina Chiziane, é também se inscrever neste processo ficcional e dar visibilidade à realidade de seu mundo”. (Freitas, 2014, p. 100). Seguindo essa lógica, é notório o movimento que Paulina realiza em seus romances, elegendo o feminino como o centro de suas narrativas, evidenciando as tradições culturais que fundamentam a experiência das mulheres africanas tanto do sul como no norte da África, fluxo este que a escritora trabalha em seu romance *Niketche*. Com base nisso, Secco (2021, p. 124) afirma que:

(...) Paulina Chiziane funda, em Moçambique, um novo tipo de romance, cuja dicção se realiza no feminino, denunciando opressões e preconceitos sofridos por mulheres de espaços urbanos e rurais em diferentes épocas da história moçambicana. Tradição, modernidade, História, costumes, mulher, poligamia, amor, sexo, religiões, mediunidade, animismo, rituais, curandeiros, cristianismo, padres, bíblia, guerra, colonialismo, pós-independência (...).

A partir da presença - valorização - inserção da tradição oral em sua produção literária, Paulina Chiziane propõe a preservação dos costumes ancestrais de ouvir e contar histórias, prática cultural de conservação e preservação de memórias e de tradições culturais, preservando o hábito de ouvir os mais velhos que conservavam em suas memórias as tradições culturais de seus povos. Desse modo, Paulina compõe uma narrativa atravessada por histórias contadas pelo seu povo, “mas também, através de sua escrita, movida por uma força subversiva, transforma as estruturas mentais que oprimiam e silenciavam as mulheres” (Freitas, 2014, p. 100). Sendo assim, através dos seus romances, a autora apresenta narrativas marcadas pela transgressão, no sentido de atribuir voz e visibilidade às vivências e perspectivas de mulheres.

Paulina Chiziane se encontra no processo de afirmação literária e identitária, uma escritora do período pós-independência, por meio de sua narrativa, evidencia os conflitos sociais e políticos do contexto moçambicano, tornando-se oportuno elencar discussões acerca da situação feminina em Moçambique. Cabe salientar, logo, que Chiziane coloca como enfoque os conflitos sociais e políticos que dizem respeito às mulheres, trazendo o patriarcado como estrutura que contribui para os desafios percorridos pelas mulheres em um meio social que privilegia a esfera social masculina:

Tendo a consciência crítica da invasão dos valores da modernidade trazidos pela

cultura do colonizador na sociedade moçambicana, Chiziane provoca e expõe estes conflitos em que a mulher se encontra sobrecarregada das demandas sociais que a tradição e modernidade impõem através das suas funções demarcadas pelo patriarcado. (Freitas, 2021, p. 9).

Nesse sentido, o romance emerge como meio de expressão pelo qual Paulina Chiziane elabora as histórias de mulheres moçambicanas. A narrativa que a autora busca produzir se embebe de elementos culturais africanos, como a maneira de contar histórias oralmente, transfigurando-se para que seja possível expressar significados femininos e afrocentrados de forma mais completa. Assim, “Paulina utiliza esse gênero literário de tradição ocidental, mas o africaniza, mesclando-o às estruturas da contação oral. Problematisa, desse modo, em seus romances, a tradição machista, em especial a do sul de seu país.” (Freitas, 2014, p.101). Sendo assim, Paulina demonstra em seus romances a problematização de um sistema social machista, que está fortemente presente, sobretudo, no sul de seu país. Além disso, realça em suas narrativas, não somente os conflitos vivenciados pelas entidades femininas, como também, o processo de reconhecimento da situação em que a figura feminina está inserida e, a perspectiva de ultrapassar este sistema patriarcal.

Este tipo de narrativa cotidiana dispõe a mulher no centro da comunidade, agindo também como um posicionamento político de gênero. Esta “função” é percebida na escrita de Chiziane que reflete a contação de estórias/histórias da oralidade moçambicana em sua prosa. Paulina Chiziane faz parte de uma geração de escritoras que tem as suas literaturas como fruto desta herança oral que as mesmas experienciaram em suas histórias de vida. A autora explora a temática da condição feminina conflituosamente interferida pelo patriarcado na sociedade moçambicana. (Freitas, 2021, p. 9).

Nessa vertente, “as mulheres que protagonizam os romances de Paulina são, em geral, guerreiras” (Secco, 2021, p. 126). Sendo assim, embora tenham sido criadas em uma cultura extremamente patriarcal, estando destinadas a serem subservientes e totalmente dependentes de seus maridos, as mulheres ainda ultrapassam essa realidade e passam a enxergar o meio opressor que estão inseridas. Desse modo, Paulina trabalha em suas narrativas a figura feminina não exclusivamente sendo oprimida e marginalizada, como também, a capacidade de evolução destas personagens.

Em vista disso, Paulina Chiziane, tece fio a fio uma escrita literária demarcada pela presença de uma fiação do tempo, desenvolvida por meio de suas vivências coletivas e individuais. Concernente a isso, Secco (2021, p. 123) declara:

O arquétipo da tecelã é recursivo em diversas culturas e, em geral, é representado na literatura e nas artes, especialmente nos contos tradicionais e mitos, por figuras femininas de mulheres, deusas, moiras - senhoras do destino - e, na África, por ananse, a aranha, cujo tecer remete à fiação do tempo, da vida e do universo. Segundo Mircea Eliade, o ofício de tecer, ao repetir a cosmogonia, é sempre um ato de criação.

Dessa maneira, “Paulina Chiziane, de modo semelhante à aranha, retira de suas vivências a seiva viva de suas estórias, a teia de sua escrita” (Secco, 2021, p. 123).

1.2 Literatura moçambicana

Moçambique é uma nação africana que mantém as raízes da tradição oral, preservando e transmitindo muitos dos seus elementos culturais e identitários, os quais também se refletem e perpetuam através da literatura escrita. Sendo assim, “neste contexto geográfico, assim

como no de outros países ex-colônias portuguesas, a literatura nasceu, primeiramente, contida em documentos jornalísticos, folhetins, revistas e antologias poéticas” (Freitas, 2021, p. 7). Desse modo, por ser uma literatura que emerge em um ambiente pós-colonial, as dificuldades para publicações eram excessivas, conforme reflete Freitas ao abordar a participação de mulheres no sistema literário moçambicano:

Assim, tendo em vista tal dificuldade de criação e afirmação de um projeto conciso e autônomo no âmbito identitário da sociedade, a presença de publicações de autorias femininas nestas localidades de língua portuguesa foi essencialmente difícil. Paulina Chiziane se consagrou como sendo a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. (Freitas, 2021, p. 7).

Paulina Chiziane, a despeito das dificuldades, torna-se a primeira escritora mulher a publicar um romance em Moçambique. Nessa direção, a autora faz parte de uma linha de escritores cuja produção literária não se desliga mas mantém traços da tradição oral herdada pelas experiências vivenciadas na sociedade moçambicana. Sendo assim, as mulheres carregam um papel importante na construção da literatura no ambiente moçambicano, fazendo-se fundamentais no exercício de repassar suas tradições, desse modo, “esta feição é percebida na escrita de Chiziane, que reflete a contação de estórias/histórias da oralidade moçambicana em sua prosa”. (Freitas, 2021, p. 8).

Percebendo a tradição oral como elemento que transcende os fenômenos discursivos, Rosário (2010, p. 142) afirma:

A tradição oral é um sistema social, econômico e cultural, não é apenas um conjunto de contos, lendas e mitos. Ela comanda a vida da maioria da nossa população. Tal como é encarada hoje, somos levados a admitir que ela faz parte dos inúmeros segmentos que compõem nossa sociedade e que são vítimas da exclusão.

Considerando, portanto, que a tradição oral integra elementos não apenas da cultura mas também a estrutura social dos povos africanos, é possível inferir que essa presença é definitiva ao processo de criação literária de autores africanos. Dessa maneira, na prosa de Paulina Chiziane por meio das experiências coletivas e individuais, a autora constrói uma narrativa baseada nestas vivências, explorando a condição feminina predominantemente atravessada pelo sistema patriarcal que rege as relações sociais em Moçambique. Dessa maneira, Chiziane apresenta por meio de suas narrativas uma consciência crítica da introdução dos valores da modernidade trazida pela cultura colonial europeia para Moçambique.

O processo de formação da literatura moçambicana é marcado pela dinâmica histórica do processo de colonização e, sobretudo, pelos seus efeitos no desenvolvimento de uma organização social e de identidade local. Um dos principais obstáculos enfrentados nesse processo foi a tentativa de silenciamento, como menciona Machado (2021, p. 22), a cultura de assimilação. Sendo assim, em terras colonizadas, o africano para ser considerado civilizado e obter direitos, deveria se adequar à cultura do colonizador. Aderindo à língua, sendo obrigados a aprender o português, bem como a abdicar de outros traços de identidade africana, como as vestimentas, a religião, costumes e tradições, buscando assemelhar-se a paradigmas culturais europeus:

Mesmo quando não imposta explicitamente, ou seja, mesmo quando sugerida como requisito para a ascensão ou simples convivência social, a cultura de assimilação se mostra como uma violência por vezes mais profunda do que a física, pois objetiva o apagamento da própria identidade e instaura no indivíduo uma série de “aberrações afetivas”. (Machado, 2021, p. 22).

Desse modo, o colonizador considerava as vozes altissonantes da sabedoria ancestral primitiva e incivilizada, uma sabedoria ancestral ligada ao mal. À vista disso, baseando-se em preconceitos e estereótipos estabelecidos pelos colonizadores, a tentativa de silenciamento e imposição dos seus saberes sobre esse povo foi constante. No entanto, essa tentativa fracassou, de modo que a sabedoria e tradições ancestrais permaneceram. Nesse sentido, por meio da literatura podemos recuperar estas nuances ancestrais, tal como a autora Paulina Chiziane realiza em seus romances, manifestando ritos e tradições. Logo, contrapondo-se aos ideais determinados pelos colonos:

A literatura Moçambicana em Língua Portuguesa nascerá do anseio de superação da mentalidade e da opressão colonialistas, em busca da amplificação das vozes múltiplas que caracterizam a multiplicidade de povos e culturas que formam a nação moçambicana, ao mesmo tempo que se explica a busca da unidade desse diverso. (Machado, 2021, p. 67).

Além dos elementos que evocam a ancestralidade de seu povo, Paulina Chiziane põe em destaque a condição da figura feminina em sua sociedade, em um meio marcado pela presença das múltiplas culturas que as constituem. Desse modo, em seus romances, Paulina demonstra a diversidade cultural presente no ambiente africano, como por exemplo em seu romance *Niketche*, a partir do qual a autora retoma e reelabora ficcionalmente as tradições e ritos das mulheres do sul e das mulheres do norte de Moçambique. Sendo assim, “ao mesmo tempo em que a narrativa de Paulina Chiziane amplifica as vozes das mulheres africanas, ela inicia o leitor em várias das manifestações culturais moçambicanas em que as mulheres estão inseridas”. (Machado, 2021, p. 91).

Outros aspectos que se somam à situação das mulheres, encontram-se a violência da guerra civil, a identidade plural moçambicana, a legitimidade do curandeirismo africano e o modo como os grupos cristãos trabalhavam para destruir a identidade ancestral de várias etnias.

A narrativa de Chiziane vem contribuindo para a história da emancipação feminina em Moçambique e na África, exercendo a crítica da prática patriarcal presente na sociedade do seu país tanto por meio das culturas islâmica, católica e protestante (na qual a autora foi criada) quanto por meio de muitas culturas tradicionais africanas. (Chiziane, 1994, p. 12 *apud* Machado, 2021, p. 92).

Dessa forma, por meio de sua narrativa, Paulina Chiziane amplifica a voz das mulheres moçambicanas que foram silenciadas e oprimidas, expondo esses elementos da vivência dessas mulheres em meio a uma sociedade marcada pelo patriarcalismo como regente do meio social moçambicano.

Nesse caminho, em convergência ao patriarcalismo fortemente presente no meio social moçambicano, vale ressaltar a tradição cultural do *lobolo*, que, como sugere Paulina Chiziane em sua narrativa intitulada “*Eu, mulher por uma nova visão do mundo*”, na etnia Tsonga, (sua etnia), o nascimento de uma menina representa mais força e benefícios para a família, trazendo mais água, dinheiro ou gado. Logo na infância, a mulher é ensinada a brincar de ser mãe ou cozinheira, tornando-se um dos momentos mais importantes na criação da mulher *tsonga*. Sendo assim, quando mal se vê a primeira menstruação, é entregue a um marido na maioria das vezes com uma idade bem mais avançada e, além disso, polígamo. Dessa forma, a mulher, nesta tradição moçambicana, é impedida de possuir seus próprios sonhos e anseios, sendo designada apenas a casar-se e ter filhos.

Nesta direção, foi nesse contexto que Paulina Chiziane desenvolveu a sua escrita, atravessando e ultrapassando diversos percalços para tornar-se vista na literatura moçambicana. Desse modo, como sugere Rosário (2010, p. 148) “pelas propostas tão ricas e pela forma como a autora soube buscar as variantes estéticas para o seu texto, não é permitido

senão dizer que mais um passo, e a Paulina será definitivamente um caso sério na história da nossa literatura contemporânea.”

De acordo com Rosário (2010), o universo literário representa, artisticamente, a sociedade, elaborando a partir dos recursos literários, formas de se refletir acerca. Sendo assim, Paulina Chiziane reflete em suas narrativas o retrato de suas vivências individuais e coletivas de um ponto de vista crítico, ao passo que ela relata e exerce, de certo modo, o seu posicionamento a respeito das tradições culturais que está inserida, apresentando, desse modo, a interseção entre literatura e sociedade.

Assim, o processo de construção da literatura moçambicana foi marcado por diversas influências, que refletiram tanto os períodos históricos de colonização e resistência quanto às questões socioculturais que definem o país. A literatura moçambicana surge da necessidade de dar voz às experiências do povo moçambicano, especialmente em um contexto de opressão e luta pela independência, utilizando a escrita como ferramenta de resgate da identidade cultural e de contestação das desigualdades.

1.3 Personagem feminina e negritude/africanidade

A representação ficcional da experiência das mulheres moçambicanas nos romances faz de Paulina Chiziane uma das vozes mais expressivas na representação das vivências da mulher africana. Chiziane foca na complexidade da vida das mulheres, abordando os obstáculos contra as imposições patriarcais e culturais enfrentadas pelas personagens femininas, em um contexto ainda permeado por opressões e desigualdades históricas.

Sendo assim, no romance *Niketche: Uma História de Poligamia*, Paulina Chiziane aborda a questão da negritude ao explorar a identidade da mulher africana, especialmente no contexto moçambicano, marcado pelo patriarcado e pela poligamia. A autora, através de suas personagens, evidencia o papel subalterno a que as mulheres negras são submetidas, tanto pela opressão colonial quanto pelas tradições culturais patriarcais. Chiziane coloca a mulher negra como agente de resistência, reafirmando sua identidade em meio à marginalização. A negritude aqui se manifesta não apenas como uma questão racial, mas também como um eixo de luta contra as normas opressivas de gênero e a objetificação do corpo feminino.

A negritude, como alude Ferreira (2006) “sem distinguir a palavra e o conceito, bem como o que estes a cada atualização o nomeiam - um movimento estético e político, um *ethos*, uma ideologia”. Assim, Paulina Chiziane por meio do seu romance realiza esse movimento político, ao passo que, de forma multifacetada, utiliza as experiências das personagens femininas para questionar as opressões estruturais que afetam as mulheres negras no contexto moçambicano. Através de um retrato íntimo e realista da poligamia, ela revela como o patriarcado e o colonialismo moldam e reforçam a subalternidade dessas mulheres, ao mesmo tempo em que exalta a sua força e capacidade de resistência. Chiziane faz isso ao apresentar mulheres que inicialmente são rivais, competindo pelo afeto e pela atenção de um homem, mas que, ao longo do romance, descobrem a sororidade como forma de resistência coletiva.

Desse modo, Chiziane conduz um papel fundamental na desconstrução de estereótipos ligados às mulheres africanas, apresentando-as em suas múltiplas dimensões e abordando questões como identidade e os impactos das estruturas de poder sobre suas vidas.

Além disso, cabe salientar a escolha narrativa feita por Chiziane em seu romance *Niketche*, que se realiza em primeira pessoa, pela personagem principal, Rami. Essa escolha torna-se significativa para a narrativa, ao passo que o relato da protagonista carrega o peso de uma experiência vivida por muitas mulheres no contexto africano, especialmente em Moçambique. Logo, como destaca Machado (2021), as falas e os eventos narrativos em *Niketche*, amplificam, sobretudo, a voz das mulheres moçambicanas silenciadas e oprimidas,

que, por meio disso, exprimem a revolta não apenas pelo comportamento de seus maridos, mas por terem sido traídas pelo corpo social em que vivem, desde o nascimento, ao terem negados seus direitos e sua autonomia para decidir o seu próprio futuro.

Em consequência disso, a narrativa em primeira pessoa permite ao leitor a aproximação com essas vivências emocionais relatadas pela narradora. A narração em primeira pessoa confere à personagem uma voz própria fundamental para esta aproximação. Assim, a perspectiva pessoal de Rami não apenas humaniza a discussão sobre poligamia e patriarcado, mas também cria um vínculo de empatia, evidenciando a importância da experiência das mulheres na literatura moçambicana.

Os elementos supracitados são fundamentais para a construção desses personagens, que refletem a complexidade cultural do país e os percalços vivenciados pela personagem feminina. Ao abordar temas como poligamia, violência de gênero, espiritualidade e os desafios da vida cotidiana, a literatura moçambicana promove uma reflexão profunda sobre a condição feminina e traz à tona o papel central da mulher na construção da sociedade. Dessa forma, essas personagens são também agentes de transformação, uma vez que desafiam as normas condicionais e buscam redefinir seus papéis dentro de um contexto cultural marcado pelo patriarcado.

2 ANÁLISE

2.1 Voz e autonomia: a narrativa em primeira pessoa de Rami em *Niketche*

Niketche, uma história de poligamia é narrada em primeira pessoa pela protagonista Rami, casada com Tony, que, por sua vez, mantém relações afetivas com outras mulheres. Rami é uma esposa subserviente que sempre fez todas as vontades do seu marido, seguindo tudo o que mandavam as tradições. Mesmo assim, Rami vive um casamento infeliz; Tony é ausente e adúltero: além da esposa, ele se relaciona com outras quatro mulheres: Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Ao perceber a situação que está vivenciando, Rami se questiona:

[...] Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. [...]
 - Quem és tu? - pergunto eu.
 - Não me reconheces? Olha bem para mim.
 - Estou a olhar, sim. Mas quem és tu?
 - Estás cega, gêmea minha. (Chiziane, 2021, p. 14)

Ao olhar seu reflexo no espelho, a personagem passa por um processo de reconhecimento tanto de si mesma, como da situação em que está inserida. Como romance narrado pela protagonista, *Niketche* valoriza a perspectiva pessoal de Rami como mulher africana cuja experiência se desenvolve em meio a dinâmicas opressoras de relacionamento. Sendo assim, o espelho desempenha um papel simbólico importante na vida de Rami. A relação de Rami com o espelho reflete sua busca por identidade em meio à pressão do sistema patriarcal e poligâmico em que vive. O espelho, para Rami, não é apenas um objeto de reflexão física, mas também emocional e psicológica:

Tento, com a minha mão, segurar a mão da minha companheira, para ir com ela na dança. Ela também me oferece a mão, mas não me consegue levar. Entre nós há uma barreira fria, gelada, vidrada. Fico angustiada e olho bem para ela. Aqueles olhos alegres têm os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão. (Chiziane, 2021, p. 16).

Nesse momento, Rami está em uma extremidade de não reconhecimento de si mesma, frente ao espelho revelador: “Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas o teu poder?” Chiziane (2021, p. 16). É no olhar para si mesma, de modo mais profundo e com um olhar questionador, que a personagem busca compreender as motivações que a levaram ao constante abandono e perda da sua força interior. Força essa recuperada por Rami ao longo da história.

A história narrada em primeira pessoa por Rami, a protagonista, resulta em uma narrativa marcada pela profundidade por meio da qual o patriarcado é explorado e a transformação de Rami frente às dinâmicas de poder e opressão. Inicialmente, a protagonista narra o romance detendo uma visão machista frente às outras mulheres de Tony, o que nos leva a perceber o processo que Rami atravessa, que, ao longo da narrativa muda as concepções antes associadas às outras esposas de Tony.

Penso muito nessa tal Julieta ou Juliana. Mulher bonita, ouvi dizer. Tem com o meu Tony muitos filhos, não sei quantos. É um segundo lar, sólido e fixo. Na minha mente correm ideias macabras. De repente apetece-me ferver um pote de óleo e derramar na cara dessa Julieta ou Juliana, para eliminá-la do meu caminho. Apetece-me andar à pancadaria como uma peixeira. (Chiziane, 2021, p. 18).

Por se construir a partir da perspectiva da protagonista, que é a mulher que se vê em meio a uma relação abusiva a partir da qual seu esposo alimenta a rivalidade entre as mulheres, em alguns momentos, a visão de Rami sobre as demais mulheres é preconceituosa e combativa. Isso se justifica pelo fato de que, como narradora e protagonista, ela expõe seus pensamentos acerca da situação. A história, portanto, é permeada pelas sensações, emoções e formulações de Rami frente à situação que vive. À medida que ela toma consciência de sua condição, bem como da das outras mulheres envolvidas na relação com Tony, a história amplia o ponto de vista de Rami, que abarca não apenas ela mesma, em situação de revolta em relação ao seu casamento, mas em processo de reconhecimento de outras vivências femininas (as das quatro mulheres que se relacionam com Tony), que resulta na exigência de que Tony case com as demais, aderindo então à poligamia:

O ciclo de *lobolos* começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num *lobolo*-casamento. As crianças foram legalmente reconhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de *loboloperfilha*, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se *lobolo* da Lu e dos filhos. As nortenhas espantaram-se. Essa história de *lobolo* era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. Elas esqueceram o matriarcado e disseram sim à tradição patriarcal. Passámos três meses a andar de festa em festa. (Chiziane, 2021, p. 108).

A visão feminina sobre a estrutura machista de seu entorno encontra na tradição uma forma de se aproximar das outras mulheres, uma vez que a prática da poligamia é suportada por setores da sociedade moçambicana por se tratar de tradição cultural. Diante disso, ao narrar em primeira pessoa, Rami apresenta o seu processo de autodescoberta e transformação, ao passo que a personagem consegue reconhecer o corpo social prejudicial à esfera feminina em que está inserida e, a partir disso, dá início ao processo de ressignificar as tradições de cunho patriarcal.

Nessa perspectiva, a narradora permite que o leitor acompanhe a sua trajetória do estado de subordinação à emancipação de uma vivência feminina que inicialmente tenta se conformar com as tradições patriarcais e que, no entanto, gradativamente realiza

questionamentos que desafiam essas normas. Assim, percebe-se a importância de escolha da narração feita por Chiziane, ao passo que a contação realizada por Rami em primeira pessoa, aproxima o leitor das angústias e desafios vivenciados pela personagem e pelas mulheres.

Em síntese, é notório como a história contada pela protagonista carrega o peso de uma experiência vivenciada pela maioria das mulheres inseridas no contexto africano, especialmente em Moçambique. A narração em primeira pessoa confere ao personagem uma voz própria, fundamental para a construção de sua autonomia à medida que Rami exterioriza o seu momento de encontro consigo mesma frente ao espelho e protagoniza o início de uma jornada de autoconhecimento crítico.

2.2 Personagens femininas e a vivência da poligamia

Em *Niketche*, uma história da poligamia, Paulina Chiziane desloca a perspectiva do romance para o olhar feminino em meio a instabilidades diversas (sociais, políticas e pessoais). Essa associação entre o íntimo e a vivência coletiva conturbada trazem para a narrativa o desnudamento da experiência feminina africana não apenas no que se refere à sua performance social, como também no que se relaciona a seus aspectos psicológicos:

Em *Niketche*, notamos igualmente uma tendência literária intimista utilizada pelas correntes autobiográficas do tipo diário e as epistolares muito em voga, na segunda metade do século XIX, na Europa, principalmente na literatura feminina. É através deste virar o olhar para dentro que Paulina nos leva às diversas paragens do tempo da história, não para descrever cenários exteriores, mas sim para pintar estados da alma e definir visões filosóficas sobre o ser. O que é a dor, o que é a mulher, para que serve o casamento, porque nasce o homem. O que é o destino, como se mede o sofrimento, são entre outros, tantas buscas, verdadeiros momentos de reflexão, que fazem quase esquecer que estamos lendo um romance, com uma história que está a ser contada. (Rosário, 2010, p. 147-148).

Nesse sentido, por meio de suas personagens, Chiziane põe em evidência o que é dor, o que é mulher e para que serve o casamento na sociedade de Moçambique. Em *Niketche*, a poligamia emerge como uma potencial resolução para a situação do casamento de Rami e Tony. Sendo uma prática ancestral de sua família, a personagem recorre a outras experiências femininas que foram expostas ao costume e se depara com relatos que evidenciam práticas tradicionais que objetificam as mulheres de sua convivência:

Vou visitar a tia Maria, e ela conta-me histórias da poligamia. Casada pela primeira vez aos dez anos, o casamento foi encomendado antes do seu nascimento. O pai tinha uma dívida, não conseguia pagar os impostos e disse ao cobrador de impostos: a minha mulher está grávida, se nascer uma menina entregá-la-ei como pagamento. (Chiziane, 2021, p. 63).

Nesse trecho, podemos perceber a prática social moçambicana do *lobolo*, “lobolo é costume, tradição não tem expressão legal” (Chiziane, 2021, p. 243). O *lobolo* é um dos principais fatores que marcam o patriarcalismo vigente no corpo social moçambicano, no qual a mulher é usada como forma de pagamento de dívidas, como ocorre com Maria, tia de Rami. O *lobolo* também se utiliza das mulheres como moeda de troca nas negociações financeiras e na compra de cabeças de gado, conforme explica Secco (2021):

Consciente da relação mercadológica que subjuga as mulheres moçambicanas: compradas pelos *lobolos*, Rami critica não só essa prática de dotes, mas também a *kutchinga*, rito tradicional que consiste em “inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher é *lobolada*

com dinheiro e gado. É propriedade”. É um rito de purificação em que a viúva *étchingada*, ou seja, possuída sexualmente por um parente do marido falecido. (Secco, 2021, p. 129).

Rami é atravessada, carimbada, como menciona Secco (2021), pelo rito tradicional *Kutchinga*. Após o desaparecimento de Tony, que logo é considerado morto, Rami torna-se viúva e a família do seu marido raspa seu cabelo por completo. Nesse momento, a narrativa evidencia o sofrimento que agride de modo profundo a personagem Rami, expressando como a tradição afeta de forma direta e impiedosa sua existência e, por extensão, a vivência da mulher africana exposta a essas práticas:

— Ah, Tony! Estou magra, desfigurada, acabada. Careca. Raparam-me o cabelo com navalha, como uma reclusa. Deserdaram-me de tudo como uma criminosa. Na cabeça rapada colocaram-me uma coroa de espinhos. Deram-me um trono de espinhos. Um ceptro de espinhos. Varreram a casa e deixaram este tapete de espinhos. (Chiziane, 2021, p. 197).

Além do *lobolo* e da *kutchinga*, a poligamia mostra-se como outra marca fundamental para a construção de um corpo social determinado pelo domínio masculino. Desse modo, por meio do romance, notamos como a tradição poligâmica atravessa a vida das mulheres moçambicanas. Tony, que mantém relações afetivas com mais quatro mulheres além de sua esposa Rami, demonstra como valores patriarcais permeiam a esfera social em Moçambique.

A poligamia, uma prática ancestral que havia sido abandonada em muitas comunidades africanas, foi retomada com o propósito de satisfazer os interesses masculinos, refletindo a persistência de estruturas patriarcais. Essa retomada evidencia a contradição inerente ao indivíduo africano, que vive uma dualidade imposta pela colonização. Durante o processo colonial, houve um esforço para adequar a organização social aos paradigmas europeus, o que incluía o abandono das tradições culturais. No entanto, essa transformação superficial não alterou a condição feminina, que permaneceu subjugada. O retorno aos valores ancestrais, ao invés de empoderar as mulheres, reforça e valida práticas exploratórias, perpetuando a marginalização feminina:

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios. Termordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelo simples facto de ter nascido homem. (Chiziane, 2021, p. 81-82).

Mesmo consciente da natureza ofensiva à qual está exposta, que privilegia os homens e expõe as mulheres à condição de subserviência doméstica e emocional, Rami busca as outras mulheres com as quais Tony se relaciona e, mediante esse contato, verifica que elas compartilham da mesma condição degradante:

Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda-dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira-dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente, a Mauá Suelé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (Chiziane, 2021, p. 52).

Nesse sentido, ao longo de suas experiências com as mulheres, Rami se questiona sobre o porquê das coisas serem assim. Desse modo, na tentativa de ultrapassar constantemente os ritos estabelecidos pela cultura moçambicana, Rami procura respostas e soluções para tentar mudar o ambiente em que vive, assim, aproximando-se cada vez mais das outras mulheres com as quais Tony se relaciona. Nessa perspectiva, mediante a sua narrativa, Chiziane concede e expõe o protagonismo das mulheres a todo momento agredidas por nuances do sistema patriarcal. A partir da convivência mais próxima entre mulheres que se relacionam com o mesmo homem: “a protagonista demonstra audácia, não se dobrando aos ditames da tradição bantu, nem aos valores da Igreja católica. Critica e não aceita a poligamia, denunciando a subalternização da mulher.” (Secco, 2021, p. 125):

Acham que eu devo abraçar a poligamia, e pôr-me aos gritos de urras e vivas e salves, só para preservar o nome do emprestado? Acham que devo dizer sim à poligamia só para preservar este pedaço de chão onde repousam os meus pés? Não, não vou fazer isso, tenho os braços presos para aplaudir e a garganta seca para gritar. Não, não posso. Não sei. Não tenho vontade nenhuma. (Chiziane, 2021, p. 80).

Rami, juntamente com as quatro mulheres, não renunciam à tentativa de combater o sistema que as oprime. Logo, ao se juntarem nessa luta por direitos, elas se apropriam da ideia de poligamia ao mesmo tempo que a subvertem, assumindo as rédeas da organização do relacionamento. Nesse sentido, Freitas (2021) destaca que “[...] são suas esposas que ditam as ‘regras do jogo’ da convivência, isto é: em que termos se praticará a poligamia entre ele e cada uma de suas mulheres.” (Freitas, 2021, p. 67). Assim, as mulheres assumem a força que se concretiza ao se juntarem, mostrando resiliência na tentativa de ultrapassar os percalços definidos pelo sistema moçambicano, elas conseguem não apenas reconhecer, mas atravessar as estruturas sociais que lhes são impostas. Por meio disso, em um momento significativo da narrativa, as personagens realizam a dança *Niketche*, na presença de Tony, deixando-o abalado:

— Exagerámos, não acham?—repito. — Qual quê! — diz a Mauá. — Naquele dia, despia-me ao som ritmado dos batuques da minha terra e preparava a minha alma para dançar o niketche. — Niketche? — Uma dança nossa, dança macua — explica Mauá —, uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida! Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar: As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio niketche. (Chiziane, 2021, p. 138-139).

Niketche, como menciona Secco (2021), diz respeito a uma dança de iniciação sexual feminina das províncias Zambézia e Nampula, ao norte de Moçambique. No romance, a dança é representada por meio da união entre as cinco esposas de Tony, que realizam a dança *Niketche*, despidas. No entanto, a concretização desse momento, acontece como um modo de punição: “estávamos todas ali, cinco mulheres, cinco cabeças, cinco sentenças, acusando, exigindo, castigando.” (Chiziane, 2021, p. 127).

Como em uma dança, as mulheres de *Niketche* se movimentam entre reconhecer e ultrapassar as tradições patriarcais que lhes são impostas. Por meio da escrita de Chiziane é

possível perceber que a movimentação dessas personagens desafia paradigmas coloniais e patriarcais por meio da união de suas experiências como mulheres africanas.

2.3 Mulheres e patriarcado

Niketche, uma história da poligamia (2002), como romance do período pós-independência de Moçambique, contexto em meio ao qual o país se defronta com as demandas de superação dos efeitos nocivos da experiência de colonização, apresenta-se como reverberação das problemáticas políticas pelas quais passa a população de um país que foi vítima da exploração europeia. Nesse sentido, Paulina Chiziane, ao contar uma história de mulheres a partir da perspectiva delas mesmas, traz à luz como as questões pós-coloniais afetam a experiência feminina em contexto africano.

Desde muito cedo as mulheres são ensinadas a cozinhar, passar, e exercer a maternidade. No entanto, sobre o amor pouco são ensinadas e, logo na prática se deparam com um sistema que as oprime e silencia.

— Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe. (Chiziane, 2021, p. 109-110).

À vista disso, percebemos como o patriarcado traz benefícios para a figura masculina; logo, a opressão da mulher, reforçando a noção de subserviência. Desse modo, como acentua Kotz (2022, p 25), “o patriarcalismo repousa sobre a subordinação das mulheres, fazendo com que o homem seja o chefe de família. Esta dominação masculina é que vai marcar a relação de desigualdade entre os homens e as mulheres.” Na narrativa de Chiziane, esse aspecto se mostra como fundamento da formação de um sistema marcado pela subordinação da mulher negra, ao passo que, ao longo do enredo, percebemos como Rami e as demais personagens compreendem o corpo social desigual em que vivem e dão início ao processo de rompimento das tradições que asseguram suas vivências.

Desse modo, analisando o romance em discussão, percebemos como essas nuances se manifestam ao longo da narrativa; a mulher negra sofre em meio a uma cultura patriarcal demarcada por tradições que agridem a sua vivência. Assim, Chiziane aborda em seu romance diversos aspectos da sociedade patriarcal moçambicana, levando o leitor a identificar e refletir sobre o lugar que a mulher está inserida:

— Se o teu marido não te responde, é em ti que está a falta. —Que falta, pai? A voz dele é áspera e corrosiva como veneno espalhado ao vento. Fala com desprezo, como quem diz: ó menina, não me traz mais problemas, que já tive tantos nesta vida. E continua o seu discurso: —: As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim. Foi difícil aceitar o que estava a ouvir. A minha esperança morreu, sou um caso perdido. Que vergonha eu sinto. Estou desesperadamente a pedir socorro e respondem-me com histórias de macho. Os problemas de uma mulher são classificados no arquivo das insignificâncias, caprichos, incapacidades. São assim os pais. Sempre educando os filhos para serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo. (Chiziane, 2021, p. 86).

Chiziane evidencia o sexismo existente e condutor do sistema patriarcal

moçambicano, que limita as oportunidades femininas, restringindo o acesso a direitos e impondo papéis sociais rígidos. Essa dinâmica sustenta sistemas de opressão que afetam a equidade nas esferas pessoal, profissional e social. No romance de Paulina Chiziane, o sexismo é abordado criticamente, expondo suas consequências sobre as vivências femininas:

Nas nossas tradições as mulheres não têm direito a voto; de resto, na aristocracia não se vota, mas as mulheres adquirem algum estatuto. Só ganha estatuto aquela que sabe partilhar o marido, que ultrapassou o ciúme, que preserva os valores da tradição, que cumpre tudo o que a lei manda. Ganha muito mais prestígio aquela que sugere ao marido um novo casamento e ajuda a escolher a nova esposa. (Chiziane, 2021, p. 113-114).

Em *Niketche*, o patriarca é Tony, policial de bom estatuto que possui cinco esposas, tanto do norte como do sul de Moçambique. Cresceu em uma família de caráter patriarcal e poligâmico, seguindo à risca o que lhes ensinou as tradições. Quando havia conflitos com suas esposas Tony sempre recorria a sua família, que o apoiava em suas atitudes de cunho patriarcal. No final, ao perder todas as suas mulheres, Tony fica completamente devastado, frustrado e com o ego ferido. Dessa forma, por meio de sua narrativa, Paulina Chiziane exterioriza a força feminina que, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, resiste a estruturas sociais que embaraçam suas experiências.

Além disso, cabe ressaltar a sororidade que emerge das relações entre as esposas de Tony: Rami, Ju, Lu, Saly e Mauá. Inicialmente rivais, ao longo da narrativa as mulheres são gradualmente levadas a perceber que a verdadeira força está na união entre elas. Ao contrário da competição promovida pelo patriarcado, que as coloca em uma luta por atenção e recursos, essas mulheres encontram na sororidade uma forma de resistência por meio do compartilhamento de suas histórias, dores e sonhos, rompendo o ciclo de submissão que lhes é imposto pela tradição polígama:

Vendemos a roupa usada durante seis meses. Criámos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma pequena loja para vender roupas novas e o negócio começou a correr melhor. A Saly construiu uma loja. Vende bebidas por grosso. Tem um café e um salão de chá. A Ju conseguiu fazer um pequeno armazém e já vende bebidas por grosso. A Mauá abriu um salão de cabeleireiro no centro da cidade e continua a fazer trabalho na garagem da casa. Tem uma clientela que nunca mais acaba. (Chiziane, 2021, p. 106)

Por meio dessa união, as mulheres conseguem suplantar a situação degradante à qual estão expostas, na qual antes dependiam exclusivamente de Tony. Sendo assim, a sororidade que se forma entre elas se torna uma poderosa ferramenta de libertação, desafiando as estruturas patriarcais e construindo novos caminhos para a autonomia e a emancipação feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Niketche: uma história de poligamia*, (2002) Paulina Chiziane põe em evidência a perspectivadas mulheres, dando voz a personagens que subvertem o domínio masculino. Assim, por meio de sua narrativa, a autora evidencia os ritos e tradições advindos de um sistema patriarcal, que agride e oprime a experiência feminina. Desse modo, tomamos contato com a realidade das mulheres africanas e as desigualdades sociais que atravessam suas histórias.

A análise aqui realizada permitiu compreender pela perspectiva de Rami, narradora-protagonista, que a poligamia, como prática social, reflete uma sociedade marcada

pelo patriarcalismo, elucidando questões de opressão e preconceito enfrentadas pelas mulheres. Percebemos que ao descobrir sobre as outras esposas de seu marido, Rami inicia um processo de reflexão pessoal e, em vez de sucumbir à rivalidade, junta-se a elas para questionar e desafiar as normas que as subordinam. Assim, a sonoridade surge, como estratégia de resistência através da qual essas mulheres, ao se unirem, rompem com as tradições que as oprimem e constroem uma nova forma de enxergar a si mesmas e suas possibilidades de emancipação.

Ademais, por meio da literatura, Chiziane repara traços de um sistema patriarcal que delimita para a mulher uma noção de subserviência e marginalidade que está enraizada desde os séculos passados até a contemporaneidade. Conforme a autora faz uso da literatura para refletir as nuances do patriarcalismo, evidencia, também, questionamentos tocantes à condição da mulher negra dentro do complexo de poder da figura masculina.

REFERÊNCIAS

BRAUN, Ana Beatriz Matte. **Multiculturas, pluralidades, poligamia: o contexto da literatura moçambicana e Niketche, de Paullina Chiziane**. Eletras (UTP), v. 16, p. 1-16, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo/** 2.ed. Paulina Chiziane. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. BALADA DE AMOR AO VENTO: as relações de gênero na ficção de paulina chiziane. **Revista Mulemba**, [S.L.], v. 6, n. 10, p. 99-109, 7 jun. 2014. Semanal. Programa de Pos-Graduacao em Letras Vernaculas - PPGLEV. <http://dx.doi.org/10.35520/mulemba.2014.v6n10a5001>.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de Língua Portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos/** Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

FERREIRA, Ligia F. “Negritude”, “negridade” , “negricia”: história e sentidos de Três conceitos viajantes. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 163–184, 2006.

KOTZ, Andressa. **Vozes e vivências femininas: uma análise de Niketche**. 2022. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo - Rs, 2022.

MACHADO, Pedro Paulo. **Introdução às literaturas africanas: a literatura nos países de língua portuguesa** / Pedro Paulo Machado. - - Rio de Janeiro: Editora Alpheratz, 2021.

Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane / Sávio Roberto Fonseca Freitas (organizador). - João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

ROSÁRIO, Lourenço do. **MOÇAMBIQUE: história, culturas, sociedade e literatura** / Lourenço do Rosário - Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas: Angola e Moçambique: ensaios** / Carmen Lucia Tindó Secco. - - 1. ed. rev., atual. e ampl. - - São Paulo: Kapulana, 2021. - - (Ciências e artes).